2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 14. QUINTA FEIRA, 13 DE NOVEMBRO DE 1851. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

SEMENTEIRA DE PINHEIROS.

Aos livros que mencionámos em o n.º passado, quando começamos a transcrever este artigo, cumpre acrescentar um escripto curioso e util, publicado no primeiro semestre de 1844, — *Memoria sobre o pinhal de Leiria e seus productos* com a planta do pinhal e mais duas estampas, preço 240 réis.

Nenhuma outra sementeira exige menos trabalho no preparo do terreno, do que o pinisco, e tudo o que tem recommendado os auctores que escreveram sobre esté objecto, de lavrar os táes terrenos em regos cruzados, gradar, etc. é escusado, e serviria de ordinario para augmentar a despeza de uma similhante sementeira: pois creio que quasi nunca se destinará terreno em o qual o arado possa trabalhar desembaraçadamente, e nas sementeiras de pinisco em area solta é ainda mais escusado o arado.

Trata-se em primeiro logar, como se deve fazer a sementeira do pinisco em charneca, ou em encostos de serras, cobertas com matos maninhos, da fórma como de ordinario se encontrão as charnecas e baldios em Portugal.

Primeiramente fazem-se arrancar pela raiz todos os arbustos e mato; o que se fará com enxada ordinaria, ou com sachão ou alvião, onde houver muita cepa, e terreno pedregoso. O mato que se cortar, e arrancar, as raizes miudas, e tudo o que possa servir de coberta do terreno, se deixa ficar aonde foi cortado ou arrancado. Depois que se tenha assim preparado porção de terreno, começa-se a semear o pinisco, espalhando-se o mesmo á mão tão basto, como se semeia o milho a lanço (pois é escusado semear o pinisco em similhante terreno mais basto; sobre o que adiante me explicarei); marcando com ramos ou estacas pequenas até onde se espalhou o pinisco, para ir a sementeira regular, e não se deixar falhas sem semente, nem semear duas vezes o mesmo terreno. Agora se começa a enterrar com enxadas o pinisco, o que se deve fazer sachando-se o terreno em meia polegada, ou quando muito, polegada de profundidade; da fórma como se limpam com enxada as ruas nos jardins, quando lhes tem nascido herva: pois quanto menos terra ficar por cima do pinisco semeado, tanto melhor, e mais certo será o nascer dos pinheirinhos; mas convem ter-se cuidado que todo o pinisco fique coberto com alguma terra, para não ser comido dos passarinhos. Já se sabe, que durante esta operação em pequenas distancias se irá removendo o mato que se cortou ou arrancou do terreno; mas este mesmo mato, e as raizes miudas servem logo para se fazer uma cobertura sobre o terreno aonde se enterrou já o pinisco: procurando-se repartir o mato igual sobre a sementeira, não espesso de mais, mas sim de tal fórma, que appareça por entre os ramos o terreno semeado: e onde houver mato de mais, é preciso espalhal-o para sitoi onde haja falta delle, ou dar-lhe outro destino, tirando-o da sementeira. As raizes grandes, e as cepas se applicam ordinariamente para lenha, aliás podem tambem ficar espalhadas pela sementeira. Não é conveniente que a cobertura de mato seja de todo unida ou espessa de mais; pois quando os pinheirinhos nascem debaixo do mato posto em paveas, não iram ávante; mas sendo espalhado e dividido de maneira que os pinheirinhos quando nascerem achem aberturas para furar por entre o mato, serve este de abrigo aos pinheirinhos novos nos primeiros dois ou tres annos, tanto contra os raios do sol, como contra o frio; e em terras de encostas, evita o mato assim espalhado, que a chuva não leve a terra mexida com a semente, e que forme regos feitos pela torrente. Entre o mato assim espalhado ou deixado sobre a sementeira, os pinheirinhos crescem mais de pressa, e procuram sobresahir quanto antes ao mato; e observa-se que elles tem uma côr mais verde em todas as estações; quando os pinheirinhos sem este abrigo, tanto no

estio como no inverno, mostram uma côr amarellada.

Tem-se recommendado semear centeio, cevada ou avêa, com o pinisco, para fazer abrigo aos pinheirinhos recem-nascidos; porém neste caso deve-se dar ao terreno, que se semear, mais preparação visto que estes cereaes não se contentam com um terreno sachado sómente á superficie; e devia-se semear o centeio, avea ou cevada mais profunda, o que faria que o pinisco difficultosamente nascesse. Além de que em terrenos que se destinam para pinhal, pouco ou nada dariam de colheita: com o apanho das espigas se calcariam os tenros pinheirinhos; e ha outros inconvenientes, que são motivo para todos se deverem despersuadir de praticar esta mistura de semente.

A sementeira assim feita como tenho recommendado, prosperará sem mais adjutorio; porém não deve andar, ou pastar qualidade alguma de gado sobre ella.

No caso de acontecer que se queira fazer uma sementeira de pinisco em terreno de relva, em que se fórmam leivas quando se cava, ha de se fazer a sementeira de outra maneira. Dever-se-ha então arrancar primeiro todo o mato e raizes, e juntar tudo em montes, depois cavar-se-ha com enxadas, virando-se as leivas de baixo para cima, como se pratica nos terrenos que se rompem a primeira vez (e neste caso em certas circunstancias se poderia applicar a charrua ou araveça). Quando o terreno estiver assim cavado ou lavrado, se espalha o pinisco como acima fica dito, e se enterra este por meio de um molho de tojo, ou outro mato, que se carrega com pedras ou qualquer pezo, e se arrasta assim o tal molho ou feixe sobre o terreno semeado, e o pinisco ficará devidamente coberto. Depois desta operação se espalhará o mato conforme se recommenda no methodo anterior, para servir de abrigo aos pinheirinhos quando nascerem. No caso que em similhante terreno sejam viradas as leivas por meio de charrua ou araveça, deve-se depois gradar o terreno lavrado, e então se semeará o pinisco, como acima fica dito; enterrando o mesmo por meio do molho de mato com pezo, como já mencionei. Se não houver mato que se tenha cortado ou arrancado no terreno que se semeou, para formar a cobertura, convem buscal-o onde o houver, ou aliás fazel-a com a caruma ou as folhas cahidas dos pinheiros; sendo com tudo o mato miudo, para o mencionado fim, muito melhor.

Ha quem se persuada, que convem semear o pinisco muito basto, ou ao menos como de ordinario se semeia o trigo e a cevada, para os pinheirinhos novos occuparem o terreno de todo, e não darem logar a nascer mato no entremeio; é verdade que isso se obtem por uma sementeira basta do pinisco; porém a experiencia me tem dado provas, que os pinheirinhos estando bastos de mais, ficam infezados nos primeiros seis annos, e tem um crescimento muito vagaroso; o que não acontece quando ficam raros, como o milho semeado a lanço antes de ser desbastado ou sachado: pois semeando-se o pinisco muito basto, se gasta mais semente, em prejuizo do crescimento dos pinheirinhos, e ainda que haja mato entre elles nos primeiros annos, depois de terem cinco ou seis annos de idade, sobresahirão ao mato, e então convem cortar este.

Temos por tanto tratado do methodo mais trivial da sementeira do pinisco nos terrenos que no interior de Portugal se possam destinar para similhante sementeira; e bem se collige que pelo methodo prescripto pouca despeza se faz com ella.

Como entretanto na extensa costa de Portugal ha grandes districtos cobertos com areas, destituidas quasi totalmente de qualquer vegetal, de fórma que o vento as move cada vez mais para o interior, visto que os ventos nortes mais regem em certas estações do que outros ventos; e que para prevenir este movimento das areas convem fixal-as por via de sementeiras de pinhaes; sendo reconhecidamente este o modo mais adequado; tratarei tambem aqui do methodo que se deve seguir para com similhantes sementeiras, as quaes são de mais despeza e trabalho, do que as sementeiras de pinisco em terrenos fixos, de que acima já temos tratado.

(Continúa.)

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 150).

748 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

749 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

750 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

751 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

752 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

753 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

754 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

755 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

Estes 8 productos de n.º 748 a 755, são lenços d'algodão estampados de diversas cores, pelos fabricantes, Moller e Weike.

A fabrica é em Bemfica, nos arrebaldes de Lisboa, e foi fundada em 1840. O motor é força braçal e animal.

756 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

757 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

758 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

759 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

560 LENÇO D'ALGODÃO ESTAMPADO DE DIVERSAS CORES.

Estes 5 productos de n.º 756 a 760, são lenços d'algodão estampados de diversas cores, expostos pelo fabricante Filippe José da Luz.

A fabrica é em Rio de Moiro, perto de Cintra, junto a Lisboa, e foi fundada em 1815. O motor é força braçal.

761 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
762 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
763 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
764 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
765 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
766 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
767 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
768 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
769 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.

Estes 9 productos de n.º 761 a 769, são chailes d'algodão estampados, expostos pelo fabricante Filippe José da Luz.

Vide n.º 756 a 760.

770 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
771 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
772 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
773 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.
774 CHAILE D'ALGODÃO ESTAMPADO.

Estes 5 productos de n.º 770 a 774, são chailes d'algodão estampados, expostos pelos fabricantes Pinto & Comp.ª

A fabrica é na Ponte Nova, na Ribeira d'Alcantara, em Lisboa.

775 CHITA DE RAMAGEM. — Expositor e fabricante, Filippe José da Luz.

Fabrica, vide n.º 756 a 769.

776 CHITA DE RAMAGEM. — Expositor e fabricante, Filippe José da Luz.

Fabrica, vide n.º 756 a 769.

777 CHITA DE CORES. — Expositores e fabricantes, Pinto & Comp.ª

Fabrica, vide n.º 770 a 774.

778 CHITA DE CORES.
779 CHITA DE CORES.
780 CHITA DE CORES.
781 CHITA DE CORES.
782 CHITA DE CORES.
783 CHITA DE CORES.
784 CHITA DE CORES.
785 CHITA DE CORES.
786 CHITA DE CORES.

Estes 9 productos de n.º 778 a 786, são chitas de cores expostas pelos fabricantes Pinto & Comp.ª

Vide n.º 770 a 774.

787 PANNO VERDE SUPERFINO, FABRICADO COM LÃ DE SAXONIA.

788 PANNO PRETO SUPERFINO, FABRICADO COM LÃ DE SAXONIA.

789 PANNO MESCLA, FABRICADO COM LÃ DE HESPANHA.

790 PANNO COR D'AMORA, FABRICADO COM LÃ DE HESPANHA.

791 PANNO COR DE BRONZE, FABRICADO COM LÃ DE HESPANHA.

792 PANNO AZUL FERRETE, FABRICADO COM LÃ DE HESPANHA.

Segunda sorte para fardamento de soldados.

793 BRIXE FEITO COM LÃ SARAGOÇA.

794 CAZEMIRA SUPERFINA PRETA, FABRICADA COM LÃ DE SAXONIA.

795 CAZEMIRA ORDINARIA, FABRICADA COM LÃ PORTUGUEZA DE 2.ª SORTE.

796 CAZEMIRA ORDINARIA, FABRICADA COM LÃ PORTUGUEZA DE 2.ª SORTE.

797 CAZEMIRA ORDINARIA, FABRICADA COM LÃ PORTUGUEZA DE 2.ª SORTE.

Estes 11 productos de n.º 787 a 797, são manufacturas de lã, expostas pelos fabricantes, Larcher e Cunhados.

A fabrica está situada em Portalegre, capital do districto, provincia do Alemtejo.

798 PANNO AZUL.
799 PANNO AZUL.
800 PANNO AZUL.
801 PANNO AZUL VERDE.
802 PANNO COR DE CASTANHA.
803 BRIXE.

Estes 6 productos de n.º 798 a 803, são manufacturas de lã, expostas pelos fabricantes, Valerio Gomes Corrêa & Irmãos.

A fabrica é no concelho da Covilhã.

804 BRIXE.
805 BUZELINA DE XADREZ.

Estes 2 productos de n.º 804 a 805, são manufacturas de lã, expostas pelos fabricantes, Campos Mello & Irmãos

A fabrica é no concelho da Covilhã.

806 SERGUILHA RISCADA.

Districto de Vianna, Minho.

807 SERGUILHA LIZA.

Districto de Vianna, Minho.

808 BUREL BRANCO.

Districto de Vianna, Minho.

809 COBERTOR. — Expositor, João da Fonseca Corsino.

Districto da Guarda, Beira.

810 COBERTOR DE PAPA.
811 COBERTOR DE PAPA.
812 COBERTOR DE PAPA.
813 COBERTOR DE PAPA.
814 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
815 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
816 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
817 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
818 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.
819 CHAILE DE LÃ DE DIFFERENTES CORES.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XI.

MUITA BULHA PARA NADA!

Vamos á rua das Arcas, a casa de Lourenço Telles.

Seriam oito horas da noite, quando uma pancada forte na porta da rua, despertou da especie de somnolencia, em que ía cahindo toda a familia reunida no escriptorio do Commendador.

O velho erudito, deu um suspiro e pousou o livro, que estava ruminando. No meio do sobresalto, a sr.ª Magdalena da Gama deixou escapar uma estação do seu rosario. O abbade Silva pulou na cadeira; e o lapis quebrou-se-lhe nas prégas do toucado, que desenhava; em quanto Cecilia e Thereza, uma sentada a bordar ao pé da outra, levantaram a vista para Jasmin, que sahiu do canto da sala e a um aceno de Lourenço Telles, acudiu á escada, com um castiçal de tres braços, a fim de reconhecer as visitas.

Ainda fóra da porta, estas faziam já uma bulha intoleravel, fallando, e rindo estrepitosamente.

No reino animal, o alvoroço era igual. Minete esperguiçou-se, apontou as orelhas, e com abrimentos de bocca, assentou-se aos pés de seu dono na conspicua posição, que decidiu o abbade Casti a honrar os gatos com a intendencia da policia. O papagaio espanejou-se, e entufado virou-se para o abbade Silva, e chapou-lhe a pergunta, ensinada por Filippe — « O abbade quer chapeu? » — escoltada de tres rizadas roucas, e discordes. A circumspecta Minerva, que presidia ao laboratorio do erudito, escandalisada fugiu diante da invasão dos barbaros.

Como dissemos, o Commendador pousou o livro, e virado para o abbade, observou-lhe:

— « São novas loucuras de meu sobrinho, quer vêr? Isto é umas sobre outras! »

— « Ouço vozes differentes » — respondeu o sabio archaista.

— « *Medor torce o nariz!* » — gargarejou o papagaio, empertigando-se no poleiro.

— « Maldito animal! » — rosnou o antiquario muito vermelho da risadinha das meninas; e offendido com o presente de uma ameixa cuberta, premio de Lourenço Telles ao plumoso satyrico.

— « Jasmin! » — exclamou o velho erudito com impaciencia.

Ao som da campainha, tocada com força, o escudeiro appareceu entre portas.

— « Quem faz tanta bulha? » — perguntou seu amo.

— « O sr. Capitão. »

— « Quem vem com Filippe? »

— « O sr. João dos Remedios, quasi a rastos.... »

— « Fr. João á rastos? O que me diz? E os outros? »

No encarquilhado rosto do escudeiro lia-se grande constrangimento; seu amo e toda a familia viam-no, e por isso porfiavam no interrogatorio.

— « Não conheço » — replicou Jasmin, encolhendo os hombros.

— « Não conhece? Quantos são; tambem não sabe? »

— « Um só! »

— « Que figura é?... »

O escudeiro torceu-se, e deu á luz a evasiva seguinte:

— « Não tem figura possivel! »

— « Ora essa? Mas ha de parecer-se a um homem, espero em Deus. »

— « A um homem não sei, mas ao demonio, parece-me que sim. Pelo menos tal e qual o pintam nas egrejas. »

A lingua pegava-se-lhe a cada palavra. O escudeiro nunca fôra medroso nem visionario; a sua opinião, e sobre tudo o susto com que a manifestava causaram, portanto, profunda sensação em Lourenço Telles. O calafrio, que fez aninhar a familia, e o proprio abbade á roda da sua cadeira, visitou-lhe tambem a espinha dorsal.

Na vespera ao jantar tinha ateimado com Filipe, que o diabo não podia apparecer em fórma visivel; e seu sobrinho, partindo nozes, e regando-as de copiosas libações de excellente vinho, apostara dobrado contra singello, em como antes de quarenta e oito horas havia de convencer o tio sabio. O velho erudito riu-se e citou o varão tenaz de Horacio, appellando para o abbade, que encolhia os hombros com medo de Filippe, e bastante igualmente da fórma visivel do demonio. Finalmente o nosso capitão, vendo suas filhas muito risonhas, e sua mulher socegada, e Jasmin tussindo para engulir a gargalhada secca, que lhe formigava na garganta, levantou-se enfadado, e emprazou os incredulos para receberem o diabo em casa no dia seguinte. Eis a rasão, porque mais ou menos tremeram todos, ouvindo que o tentador se achava á porta, na figura em que o pintam os homens seus inimigos.

— « O diabo? » — exclamou Lourenço Telles, pondo o espadim sobre a meza. — « Meu sobrinho atreveu-se a metter-me o demonio em casa? »

— « Assim o supponho » — replicou o escudeiro com pavor.

— « Fechem a porta. Ponham-no fóra » — gritou o latinista, fazendo-se branco, como a tira da sua camiza, e olhando para o abbade, qne estava côr de cré, e com os braços decepados.

— « A quem? » — perguntou Jasmin muito palido — « Ao demonio, ou ao sr. capitão? »

— « A ambos, a ambos, eu não exceptuo! » — exclamou o Commendador com a maior vehemencia, deixando cahir a caixa do tabaco, sem dar por isso. No chão, saltou fóra a tampa, e o pó acre e subtil subiu ao focinho de Minete. Jasmin já tinha sahido.

Exacerbado com o suplicio anti-canonico do rapé, o gato espojou a cabeça no sobrado, atirou uns poucos de pulos, e com o ardor dos olhos e do focinho, investiu ás longuissimas tibias do abbade, que tinha a desgraça de se achar defronte. Entretanto o papagaio, subindo e descendo do poleiro, gritava, atroando tudo.

O episodio de *Minete* não diminuiu o susto da familia. Victima do attentado, o pobre abbade resistia frouxamente: as unhas do aggressor eram fortes e nada escrupulosas. Em quanto dois olhos phosphoricos o fascinavam, as garras dos pés arroteavam-lhe a meia de seda e a barriga da perna; e as das mãos chegavam-lhe ás coxas, e aos calções de veludo preto. Nova resistencia, novos arranhões, segunda derrota! Então, o compilador de notas, vendo-se feito mastro da gimnastica felina, acreditou que luctava com o demonio, e perdeu o animo. A phisionomia solemne descompoz-se, a dignidade pevidosa fugiu; e gago, convulso, e torcido em gestos de terror, deu tal espectaculo de si, que os circumstantes benziam-se attonitos. A transformação do profundo oraculo em Laocoonte-palhaço, marinhado por um gato, era na realidade a maior queda, que podia dar a dignidade do sabio, e a magestade do sacerdote.

O pugilato durou instantes. Sentido das leves repellões do erudito, *Minete* subiu por elle, assanhado em mios e assopros atterradores. O ecclesiastico, inutilmente, recorria ás armas espirituaes do exorcismo, ás armas classicas da lingua lithurgica, e ás armas terrestres de duas mãos tremulas e arranhadas. O gato ganhou a victoria. Conquistando o hombro do chronista de Affonso Henriques, fez d'elle ponto de apoio; e os pés escorregando pelas faces rasgavam-nas em arvoredos de planta militar. *Minete*, demorou-se pouco nas alturas; e saltou logo em pezo á gaiola do papagaio, que veio de pancada acima da cabeça, e de lá acima do joelho do atribulado antiquario. Em epilogo de tantas desditas, a ave preferiu uma coisa do critico a outra qualquer coisa, e pegou-lhe com o bico para não correr contra seu gosto.

Não é possivel descrever o effeito do combate nos espectadores. Era a idéa de todos, que só a presença do demonio podia arrojar *Minete* ao inaudito escandalo de tractar o abbade como rato guloso ou pardal lascarino. Lourenço Telles mettia dó. Ora dirigia ao seu douto amigo consolações patheticas, sem lhe acudir; ora increpava o gato com as mais severas apostrophes. A queda da gaiola, e a fuga estrepitosa do criminoso, obrigaram-no a reclinar-se mudo e consternado na poltrona, cubriu o rosto com o seu lenço, como Agamenon para não assistir ao sacrificio.

A sr.ª Magdalena erguia as mãos ao ceu. Jasmin na escada, em nome de seu amo, prohibia a entrada ao capitão Filippe. As duas meninas, sentadas no camapé, com a mão na bocca, abafavam o riso para não espirrar de repente, ultrajando a indignação do autor das bexigas do Viso-rei.

Ninguem soccorria o abbade. Por fim elle decidiu-se, e foi o defensor da coxa infamada, rompendo a união hypostatica do papagaio com a sua carne. Um valente pontapé enviou depois gaiola e passaro de presente á primeira talha da India, que arrebentou pelo bojo. O estrondo deste novo desastre, e os gritos do papagaio fizeram pular o erudito sobre a muleta. Quando chegou appressado a acudir, não ao amigo gemendo com a mão no femur, mas á sua ave estrabuxando entre cacos de barro precioso, deu um suspiro e levantou os braços ao tecto. O passaro tinha uma perna deslocada! Restava o abbade.

O Commendador dirigiu-se a elle e parou com duas reticencias admiraveis, uma no gesto, outra na voz; o Zoilo de Tacito nem sequer recompensou com um volver d'olhos esta mimica lacrimosa. Estava fazendo o inventario das farpas e arranhões; e ora fechava um olho, ora outro, para se convencer de que possuia ambos sem lesão.

O Commendador consolava-o, despendendo suavissimas citações bucolicas, sem esquecer o « *Sunt nobis castaneæ molles et pressi copia lactis;* » porém o infortunio obdurava o coração do

amigo; e á eloquencia do erudito, elle, com os beiços brancos e a bocca engatilhada em um sorriso pállido, só respondia, encolhendo os hombros:

— « Quem tem onças, põe letreiro á porta. »

— « É a primeira vez que *Minete* se excedeu! Tem sido um borrego sempre. *Candidus atque dulcissimus!* »

— « Obrigadissimo! Estou aleijado para tres semanas. »

— « Melhor o fará Deus!... Nunca vi o *Minete* assim... »

— « Pois viu-o hoje. É lindo, não acha? Mas o Sr. Lourenço Telles não se desengana. Ainda hei de vêl-o com um olho de menos, por obra e graça de *Minete*. Deixe estar! »

— « Socegue, abbade. Foi tudo casual. Não nos admiremos. Não diz o poeta latino « *Homo sum et nihil...* »

— « Pois não! « *et nihil a me alienum puto?* » Só o que deve notar é que Terencio não fallou de gatos assanhados, e que citando-o mal, atirou ás pombas. Mas é mania! Commendador, o seu gato, o seu papagaio, e seu sobrinho, são tres selvagens conspiradores para me aleijarem. Declaro-lhe, que não volto aqui sem prévia reclusão dos tres. »

— « Então quer que eu metta Filippe em uma gaiola? »

— « Metta-o n'um tonel, ou na cadeia, aonde quizer! Digo-lhe isto: elle é o peior de todos. Quem faz collecção de feras sustenta-as á sua custa, e não com o sangue das visitas. Se a sua casa é um pateo de bichos previna a gente!... Estou um Lazaro. *Ahime!* »

— « Thereza! » — gritou o Commendador, corrido desta e com sincera compaixão do abbade.

— « Está curando o papagaio » — respondeu sua irmã.

— « Nox vomica era o remedio, que elle merecia! » — rosnou o padre.

— « Mau! Irás tu, Cecilia. Acompanha o nosso abbade e ensina-lhe o meu quarto. Que lhe tragam vinagre, paches, e agua tepida. Chama depois Jasmin para o ir curar. Meu amigo, ande não se deixe esfriar. O vinagre cura. Bem sabe: « *sero medecina paratur, cum mala per longas invaluere moras!* »

O abbade sahiu pela mão de Cecilia; e o Commendador seriamente irritado, levantou-se, e foi direito á janella para tomar o ar. Apenas deitava o pé adiante e firmava o passo, sentiu que lhe estalava uma coisa debaixo do tacão. Abaixou-se, olhou, e levantou logo a vista e as mãos ao ceu, com profunda magua. A tampa da sua caixa, a preciosa miniatura da Venus de Medicis, em vinte bocados, attestava a perda mais sensivel para o nosso antiquario. Desorientado com o ultimo revez, virou-se para Magdalena, e disse-lhe cheio de cholera:

— « Minha sobrinha, seu marido foi uma praga, que me cahiu em casa. É a peste, a fome, e a guerra do meu descanço! »

Quando acabava estas palavras ouviu novo alarido já no cimo da escada, como se as vozes de fóra respondessem em côro á sua apostrophe. Filippe trovejava, o procurador de S. Domingos perorava; Jasmin fazia o contralto soffrivelmente; e no meio da alteração dos tres, acima delles todos, um tiple rachado e embirrento, soltava risadinhas de falsete, em gorgeios de semifusa. Lourenço Telles tapou os ouvidos, e apertou depois as mãos na cabeça exclamando com sombria resolução. »

— « Jasmin, deixe entrar... Quero vêr até onde isto chega! *Hilax in limine latrat!* » O Commendador alludia aos latidos do *Tigre*, acorrentado na logea, e impaciente de entrar no festejo. Apenas o velho subiu curvára o indice e o polegar para colher a pitada, que salgava as citações; e achando de menos a caixa, exhalava um suspiro funebre; appareceu na sala, a passos lentos nma figura, que não podia chamar-se nem satanica nem phantastica, mas que difficultosamente caberia ao molde admittido geralmente para a especie humana. Era um homem, de certo; mas um homem parodia. Vendo-o, estranhava-se pouco a opinião do escudeiro valido, e desculpava-se o sobresalto, com que Lourenço Telles e sua sobrinha o eucararam.

Este homem inculcava mais de quarenta annos; e talvez cincoenta. Tinha a cabeça, nua e calva, como um joelho. Desta superficie lisa e espelhada sahia uma estriga de cabellos grisalhos e sedosos, erriçada com insolencia. A estriga perfilava-se no meio da calva, como um penacho de monco, o que dava certo ar exotico e quasi diabolico ao possuidor da raridade. Descendo da cabeça, (esconça e um pouco depremida nas fontes) para o rosto, achava-se o olho direito desapparelhado, e o esquerdo perfeito de mais, isto é de tal viveza, que parecia saltar na gente. Desprezando a moda, cresciam-lhe das orelhas, largas como leques, até á articulação da mandibula, umas suissas ou tufos de barba

musgosa de tres côres, preta, branca, e alaranjada, que lhe armavam duas bambinellas nos esquinados queixos. O hombro direito era mais alto do que o esquerdo, e no jogar dos braços derreava-se a compasso do quadril desengonçado. Um peito de rôla, excessivamente convexo; um ventre de papo de borracho, arredondado e proeminente; a altura equivoca do corpo, hesitação brutesca entre a estatura do garoto e a altura do homem feito, realçavam a pittoresca, e novissima configuração desta coisa, que a penuria da lingua nos obriga a chamar humana, porque era muito aplainada para orango-tango, e muito tosca para rudimento de qualquer das raças admittidas.

A sua maior singularidade consistia na perna esquerda, torcida como um parafuso, e servindo de base a movimentos heroicos, executados com suprema agilidade. Andando fincava o pé no chão, e girava sobre elle como sobre a ponta de uma verruma; quando ria eram sempre gargalhadas de escarneo, lambidas em um torcicolo dos beiços, e apimentadas de visagens variadas. Se fallava, (e fallava muito) tinha inflexões doutoraes, e gestos voluveis; fallava a lingua; fallava a perna-verruma inquieta e aos pulinhos; fallava o hombro perfurante fazendo negaça ao hombro correcto; fallava em fim, mais que tudo, a pasmosa elasticidade do corpo desencadernado em momices, e tregeitos originaes, que pena foi perderem-se pela obscuridade do personagem, aliás seriam a fortuna de um actor de farças bem jocosas.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXI.

Ao amanhecer.

— A caça é uma eschola e semelhança verdadeira da vida militar. Ha nella ciladas, atalaias, corridas, ordenar e repartir gente, dispor forças, e finalmente peleja e victoria. Além de que é a caça muito util para a saude, porque se faz saltando, correndo, atirando, bradando; o que destroe os sobejos humores, aquenta o corpo e cose as cruezas do estomago.

Esta dissertação sobre as virtudes da caça fazia-a um homem de mais de cincoenta annos, robusto, e agil como se tivera só trinta, a Sua Alteza o Infante D. Pedro. O Infante estava encostado ao parapeito da praça de Salvaterra, pallido e dando evidentes signaes de impaciencia, e o velho defronte delle de pé, e com o chapéo na mão fallava com a paxorra do homem do campo que está contente de si.

Ainda não era sol nado: o ar estava frio, mas perfeitamente sereno; no oriente apareciam já vivos e formosos os primeiros clarões da aurora, que tingiam aquella parte do céu, que parecia apoiar-se no horizonte da banda do nascente, de uma côr açafroada; por um esbatido suave esta côr passava a um alaranjado claro, depois a amarello esverdeado, para no zenith se confundir com o azul palido da athmosfera. Na praça e no palacio reinava a maior actividade. Os moços da cavalhariça seguravam, sellados e promptos, cavallos que relinchavam sacudindo as crinas: os moços do monte, uns sustinham pelas trelas sabujos, outros afagavam e seguravam magnificos lebreos inglezes, armados de coleiras com pontas de ferro e coletes feitos de pele de porco bravo. Ao latido das matilhas reaes juntava-se o som das trompas de caça, os gritos dos caçadores impacientes, e dos fidalgos chamando pelos escudeiros e dando-lhes ordens, para tudo estar prestes, logo que apparecessem Suas Magestades.

— Antonio Rodrigues — acudiu o Infante, quando o velho parou um instante para tomar folego, — diz-me cá: supõens que a montaria hoje será feliz?

— A carne de porco não é agora de vez — respondeu Rodrigues: — com tudo é certo que havemos de apanhar uma rez, e talvez duas. Eu conto a V. A. um caso que me succedeu, por este tempo do anno, meados de fevereiro, com um porco mestiço. Já eu era couteiro d'El-rei o Sr. D. João IV, tinha morrido o meu mestre João Matheus, e eu havia começado o meu livro de Caça Venatoria. . .

— Vamos ao caso.

— Pois o caso ahi vae. Indo eu uma tarde caçando pela coitada de Bel-monte do duque de Aveiro, alli onde chamam Mal-Marrão, veiu direito a mim um porco com tão extraordinario impeto que, dando-me uma trombada, me deitou alli para cima de uma tojeira. Larguei-lhe o sabujo que levava atrelado, mas o porco, em vez de fugir, poz-se em campo com elle, correndo-o por muitas vezes com extraordinaria fereza. Então eu, pondo á cara a espingarda que levava, dei-lhe um tiro que o matou logo.

— E então?

— Eu digo a V. A.; a carne do tal porco tinha um cheiro muito forte do monte e varrasco. É o inconveniente que tem o caçar porcos neste tempo. O veado é rez muito mais preciosa; essa sim que tem grandes excellencias.

— Então quaes são as excellencias do veado? — Perguntou D. Pedro, que queria fazer fallar o velho couteiro, para assim lhe parecer mais curto o tempo em que estava esperando pela rainha.

— São muitas e grandes — respondeu Antonio Rodrigues. — Tem elle no coração um osso, que é grande preservativo contra a melancolia, e cura de toda a peste. Nas pontas não ha duvida que tem muita virtude: Aristoteles diz que na esquerda só, e Plinio na direita. No cabo tem o veado um humor verde, que dizem ser venenoso...

— Está bom. Já vejo que conheces os mais profundos segredos da caça.

— Conheço: isso asseguro eu a V. A. que conheço. E é porque ha muitos annos que ando nesta vida; e aprendi muitas verdades do meu mestre João Matheus, e tambem muitas coisas que o não são. Tive bastantes vezes a honra de caçar com o augusto pae de V. A. Ainda me lembra, como se fosse hoje — proseguiu o velho, indireitando-se, e sacudindo orgulhosamente a cabeça — ainda me lembra do primeiro dia, em que acompanhei o Sr. D. João IV, que Deus haja, á caça. Foi em Pancas que eu esperei por Sua Magestade. Encontrámos um veado, que se embrenhou n'umas moitas e camarias; El-rei foi seguindo-o com uma cadella de trella, que o rastejava com cuidado. A rez demandava uns mattos muito espessos, que havia não muito longe, para deste modo salvar a vida; de maneira que até ao meio dia, hora em que o pai de V. A. se recolheu por causa do muito calor que estava, não lhe podémos fazer tiro. Eu porém, com consentimento de S. M., fui atrelando o veado todo aquelle dia; e já á boca da noite é que lhe pude dar uma fraca pelourada que, por lhe não acertar na trave do pescoço o não matou, mas derrubou-o; e por isso o podémos levar vivo a S. M., que muito o estimou, porque o soltou no pateo da quinta, e alli esteve mais fero que um toiro bravo, arremetendo contra tudo.

— Então tu cuidas que hoje poderemos fazer uma boa montaria? — perguntou D. Pedro.

— Os empresadores dão noticia de umas camarias ahi para as bandas de Benavente, onde se costumam a malhar os porcos — respondeu o couteiro. — Ha lá uns carrascaes cercados de tojo gatão, para onde tem visto meterem-se muitas rezes.

— E já ha noticia delles terem encontrado alguma rez hoje?

— Não ha, Sr. Infante. Mas ahi chega um moço do monte, que provavelmente vem trazer ao monteiro-mór a relação do que fizeram os empresadores.

De feito entrava nesta occasião na praça, a cavallo n'uma egoa de campo, um moço do monte, correndo á desfilada. Mal se apeou, D. Pedro chamou-o, e perguntou-lhe donde vinha, e se trazia alguma noticia dos empresadores.

— Saiba V. A. que eu trago um recado cá para o Sr. Monteiro-Mór — respondeu o moço do monte. — Venho do carrascal que fica entre a Fóz e Benavente.

— E achou-se caça? — perguntou S. A.

— Os empresadores viram entrar para a matta um porco velho, com o seu escudeiro, um marrãosito do tamanho daquelle sabujo que alli está — disse o campino, apontando para um cão que estava deitado aos pés de Antonio Rodrigues.

— Teremos occasião de vêr trabalhar os lebréos inglezes de Sua Magestade — acudiu o couteiro. — Quando um porco velho traz escudeiro, é sabido que é este o que primeiro foge, por ser o mais fraco. Mas o porco velho, mais animoso, defende-se dos cães, com grande ferocidade; e dá sempre lugar a um renhido combate.

— E então o porco marrão deixa-se fugir? — interrompeu D. Pedro.

— Se se não póde matar a tiro ou á lança, deixa-se fugir; para se não perder o porco velho que é rez de muito maior valor.

— V. A. não manda mais nada de mim? — perguntou com voz sumida e gesto humilde o moço do monte.

— Não. Vae dar o teu recado ao monteiro-mór.

— Guarde Deus a V. A. — E o campino encaminhou-se para o palacio.

— Já é sol fóra. São horas de partir — exclamou o Infante com impaciencia; depois de ter algum tempo estado a olhar para as janellas do quarto da rainha.

— E parece-me que já alli vem Suas Magestades — acrescentou Antonio Rodrigues.

El-rei dando a mão á Rainha e seguido de muitos fidalgos e algumas damas, sahiu neste momento da porta do palacio real. O infante foi

ao seu encontro de chapéo na mão; beijou respeitosamente a mão da Rainha, e depois saudou profundamente seu irmão, porém com os olhos baixos, e uma frieza glacial.

— Que tens, Pedro? — perguntou El-rei rindo, e batendo familiarmente com a mão no hombro de D. Pedro — Vens com uma cara tão carrancuda, n'um dia de caçada? Temos perto dois porcos que nos esperam. Disse-mo agora mesmo o monteiro-mór. Havemos de ter uma feliz montaria.

— V. M. não anda feliz em montarias; foge-lhe a caça.

— Que queres dizer com isso? — acudiu El-rei, — É a primeira montaria que se faz este anno.

— Em Lisboa é que V. M. mandou fazer a primeira caçada real...

— Que estás dizendo? — E D. Affonso fez-se pallido como se fôra perder os sentidos.

— Estava brincando apenas. Não julgava offender V. M. com estas innocentes palavras.

— Não, não me offendeste. Não percebo, porém...

— Não fallemos mais em tal. — atalhou Sua Alteza, sorrindo. — Sabe V. M. já o que se passou em Lisboa? — proseguiu elle mudando de tom — sabe a catastrofe, o attentado horrivel de que ia sendo victima um dos mais fieis vassallos de V. M.?

— Ainda não ouvi... não sei... — balbuciou El-rei, a quem a colera, e o terror talvez, haviam decomposto totalmente a physionomia.

— Então permita-me V. M. que seja eu, quem lhe narre este caso lastimoso, e lhe peça justiça...

— Agora, no momento de partir para a caça: aqui diante de tanta gente, não é occasião para fallarmos dessas coisas — prorompeu El-rei.

— Para El-rei fazer justiça é sempre occasião.

Estas palavras, trocadas entre os dois irmãos, haviam lançado o terror em todos os que as escutavam. Os cortesãos sentiam a tempestade rugir, e affigurava-se-lhes que de um instante para o outro a colera real, não podendo descarregar-se sobre o Infante, os viria fulminar a elles. O Conde de Castello-Melhor, livido e tremulo, fizera por duas vezes esforços para interromper Sua Alteza, mas a voz morrera-lhe na garganta. O susto produzira nelle a mais completa afonia.

Foi a Rainha, que temeu tambem vêr repetir-se alguma daquellas scenas violentas a que já por vezes assistira, quem veio interpor-se para conciliar os dois irmãos. Com um movimento gracioso, pegando na mão de seu real esposo:

— Sua Alteza tem razão — disse ella. — Como rei que é, bom e magnanimo, não hade V. M. deixar para mais tarde o informar-se de um caso funesto succedido com um dos seus fieis vassallos.

— Tem razão a Rainha — balbuciou Affonso VI. — Diz o que tens para dizer, Pedro.

— Peza-me ter de narrar a V. M. um crime, que o ha de sem duvida affligir: mas V. M. quer ter a condescendencia de me escutar e eu não devo perder esta occasião para o informar do que succedeu ao Conde da Ericeira.

Este nome era indubitavelmente esperado por El-rei e pelos seus validos; com tudo, quando D. Pedro o soltou da bocca, todos se tornaram lividos, e D. Affonso teve de se segurar ao braço da Rainha para não cahir. Um silencio solemne se fez em roda dos principaes actores desta scena verdadeiramente dramatica.

— Saiba V. M. — começou Sua Alteza — visto que o seu ministro lhe não partecipou ainda o que acaba de succeder em Lisboa, — e D. Pedro lançou uns olhos accesos em colera ao Castello-Melhor — saiba V. M. que antes de hontem ao anoutecer, como estava chovendo, o Conde da Ericeira D. Luiz passou pelo Rocio n'um coche fexado, em que iam tambem seu irmão e a condessa sua mulher. Quando chegou defronte da arcada de S. Domingos sahiram della repentinamente uns homens, que atiraram tres tiros ao coche...

— Mas não acertou nenhum — atalhou imprudentemente o conde valido.

— Não — proseguiu o Infante, a quem estas palavras, daquelle que considerava como auctor do crime, haviam posto fora de si. — Não: e é isso o que magoa aos que dominam pela vingança, pela traição, e pelas intrigas. O Conde da Ericeira não morreu; e é preciso que sejam severamente castigados os que o mandaram assassinar: sem que baste para os salvar nem a sua cathegoria, nem a protecção ainda dos mais poderosos deste reino.

— Ha de fazer-se justiça — acudiu El-rei, interrompendo-o. — Já sei o que se passou... Já sabes tudo, conde — proseguiu, voltando-se para o Castello-Melhor — hasde mandar inquirir sobre este acontecimento, para se castigarem os culpados. E agora vamos para a montaria que são horas.

O Infante ia para fallar ainda, dando largas á colera que lhe fervia n'alma, quando a Rainha com voz quasi suplicante, e fixando nelle olhos de que se irradiavam os mais deslumbrantes clarões da paixão, disse tambem:

— São horas; partamos. S. M. prometeu fazer justiça, e ha de fazel-a.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

CATALOGO

Dos quadros antigos e modernos, que formam parte da Galeria do exm.º Duque de Palmella, em Lisboa.

(Continuado de pag. 154.)

N.º 36.º 1 — Quadro que representa S. Paulo Eremita, em dois terços do natural — original de Guido-Kéne, e da maneira mais sublime: tem 6 palmos e 2 oitavos de alto, e 8 palmos e 4 polegadas de largura.

» 37.º 1 — Quadro em taboa, que representa uma velha avarenta, e occupada em pezar moedas; esta figura é de um terço do natural, e avista-se della uma terça parte — original de Koninck em 1641, o qual foi discipulo de Kembran de quem foi grande imitador: tem 2 palmos e 4 polegadas e meia de alto, e 2 palmos e 1 polegada e meia de largura.

» 38.º 2 — Quadros que representam duas batalhas de cavallaria, tanto a fogo como a arma branca — originaes de A. F. R. Menlen: tem 2 palmos e 3 polegadas de alto, e 3 palmos e meia polegada de largo.

» 39.º 4 — Quadros que representam os quatro elementos — originaes sublimes de Brugel Avelludado: tem 2 palmos e 6 oitavos de alto, e 3 palmos e 7 oitavos de largo.

» 40.º 1 — Quadro que representa o interior de uma casa rustica hollandeza com mobilia de cozinha, e decorado com quatorze figuras, um cão e um gato — original sublime da madeira livre de Van Karp: tem 3 palmos e 6 oitavos de alto, e 4 palmos e 5 polegadas e meia de largo.

» 41.º 1 — Quadro em panno que representa um retrato em meio corpo com um rolo de papel na mão esquerda aonde se vê a seguinte inscripção — *Il Ex.º duca Alfonso primeiro* — e tem no fundo letras que dizem — original de Tciano consta de 4 palmos e 7 oitavos de alto, e 3 palmos de largo.

» 42.º 1 — Quadro em panno que representa os retratos da exm.ª Familia do exm.º Duque de Palmella, tudo em tres quartos ao natural — pintado por Krumhobs em 1847.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Trapaça para enganar curiosos. — O castello de If é uma curiosidade que muitos viajantes visitam. Depois da publicação do famoso romance de *Monte-Christo*, alguns estrangeiros que tomaram a serio as recreativas ficções de M. Alexandre Dumas, pedem aos guardas que lhes mostrem as masmorras de Dantés e do abbade Faria. A principio respondiam estes, que nunca houve no castello presos com taes nomes, e offereciam mostrar o carcere de Mirabeau. Porém, os curiosos, julgando a resposta uma evasiva para não mostrar as masmorras, por alguns motivos ignorados, iam-se embora sem remunerar os guardas, como é costume. Succedeu n'um dia, não se convencer um inglez da verdade daquelles homens; e com disfarce metteu na mão do que lhe ficava mais a geito uma libra em oiro. Foi um raio de luz que esclareceu o entendimento do guarda, que mostrou ao acaso duas prisões contiguas; e o inglez abalou muito satisfeito. De então para cá lêem-se por cima da porta dessas duas cellulas os nomes de Dantés e Faria; e até já se mostram o boraco excavado por Dantés e o sitio donde foi arrojado ao mar.

Theatro fluctuante. — Nos Estados-Unidos existem ha muito egrejas fluctuantes, isto construidas sobre embarcações de fundo de prato, que percorrem os rios e param, ora defronte de uma povoação, ora detronte de outra, a fim de procurar aos habitantes occasião de assistirem ao officio divino, que nestes templos ambulantes é celebrado por ecclesiasticos especialmente destinados, e que moram a bordo dos mesmas embarcações.

A creação destas egrejas circulantes inspirou a M. Spaulding, de Montreal (Baixo Canadá) o projecto de fundar uma vasta sala de espectaculo no mesmo genero; projecto que está pondo em pratica. No porto de Cincinatti (Ohio) fez construir um navio de 400 pés de comprimento e 69 de largo, sobre o qual se erigirá um theatro que possa conter quatro mil espectadores. Este immenso palacio fluvial estará acabado na proxima primavera, e custará oitenta mil cruzados. De verão navegará pelo Mississipi e rios que nelle desaguam; durante o inverno se estacionará no porto da Nova-Orleans.

Guilherme o conquistador. — No dia 26 de outubro inaugurou-se com grande pompa a estatua deste soberano na cidade de Falaise, sua patria. É equestre, e tem 22 e meio palmos de altura, devida ao cinzel de M. Rochet, já conhecido por outras obras notaveis. Esteve exposta por oito dias em Paris nos Campos-Elysios. Foi collocada na praça da Trindade, sobre um pedestal de granito de Cher-

burgo, de architectura no gosto do seculo undecimo.

Filho natural de Roberto do diabo, Guilherme foi o setimo na serie dos duques de Normandia, cujos altos feitos occupam tão vasto espaço na historia de França. Contava apenas sete annos de idade, quando seu pae, partindo para a Terra-Santa (antes da primeira cruzada) onde morreu pouco depois, o reconheceu por filho e herdeiro n'uma assembléa de seus principaes vassallos expressamente convocada.

Sendo já celebre por seu valor e pelo engrandecimento de seus estados, Guilherme appresentou-se com pertenções ao throno da Grã-Bretanha fundando-as no testamento de Ricardo o confessor. Gastou oito mezes em construir navios, reunir tropas, juntar dinheiro e munições; e do porto de Saint-Valery deu á vela aos 20 de setembro de 1066 com tres mil embarcações e 60:000 combatentes. Fez-se o desembarque sem resistencia nas costas da Inglaterra, em Pervensey, no Sussex, em occasião que o seu competidor Harold andava batalhando contra os danos (antigos dinamarquezes) que tinham invadido o Northumberland.

Antes de partir para a empreza, Guilherme não se descuidou de associar Roma aos seus interesses, promettendo-lhe fazer a Inglaterra tributaria da Santa Sé; e obteve do papa Alexandre II uma bulla, um estandarte e reliquias que lhe submetteram a maior parte do clero, ao passo que a sua espada subjugava os povos. Aos 14 de outubro os dois exercitos inimigos se encontraram nas planicies de Hastings; deu-se ahi a memoravel batalha decisiva em que foi destruido inteiramente o exercito inglez, ficando mortos no campo Harold e seu irmão. Guilherme caminhou sobre Londres, que tomou sem desembainhar a espada, e em dia de Natal, tres mezes depois do embarque em Valery, era coroado rei de Inglaterra na abbadia de Westminster.

Sobre a collina onde a velha Inglaterra perecera com seu ultimo rei saxonio, Harold, edificou Guilherme um rico e magnifico mosteiro, denominado da — batalha, em cumprimento do voto que fizera a S. Martinho, patrono dos soldados das Gallias. Na batalha de Hastings teve Guilherme tres cavallos mortos. A preciosa tapeçaria franceza, geralmente denominada — *os pannos de Bayeux*, — e que representa as proezas do conquistador, tem 214 pés de comprido por 18 pollegadas de largo: o fundo é de estofo branco e os bordados são a fio e de lã de diversas côres. Por muito tempo a tradição attribuiu este curioso trabalho a Mathilde, esposa do conquistador, ajudada pelas damas de sua côrte: porém, o padre la Rue mostrou que pertencia essa honra á imperatriz Mathilde, filha do rei Henrique I, ultimo ramo da primitiva familia dos duques da Normandia.

Quando Guilherme se aprestava para guerrear Filippe I de França, ao saltar a cavallo um fosso, recebeu no ventre uma violenta pancada da maçã do arção da sella, pancada que lhe foi fatal em rasão de sua enorme gordura Dahi a tres dias morreu aos 9 de setembro de 1087 no castello de Hermentraville, e foi sepultado em Caen na igreja de Santo Estevão. — Viveu perto de 60 annos, tendo reinado 52 em Normandia, e 21 na Inglaterra.

O guano. — Este estrume animal, introduzido não ha muitos annos nos terrenos da Europa, e que os especuladores já contrafazem e imitam artificialmente, vem do Novo Mundo, e tambem se encontra em varias partes das costas occidentaes africanas. Acha-se em maior abundancia em algumas ilhas da America do norte e particularmente nas costas do Perú, onde fórma ás vezes depositos de 15 a 20 metros de espessura. Origina-se da accumulação secular de excrementos e de cadaveres da grandissima multidão de aves maritimas que vivem e morrem naquellas paragens solitarias.

Geralmente se attribue ao sabio Mr. de Humboldt o descobrimento do guano e das suas notaveis propriedades como adubo das terras. Mas é um erro, o que se prova de um modo evidente pelas seguintes citações.

« Os peruvianos (diz Costa no liv. 5.° cap. 37) melhoravam o seu terreno espalhando por elle o esterco das aves do mar, de que estão cobertas todas as ilhas semeadas ao longo de suas costas. »

Ulloa, na *Viagem* tom. 1.° pag. 181 escreve: — « Continuam tambem a empregar por estrume o *guano* ou excrementos das aves maritimas. » O mesmo escriptor menciona a quantidade quasi incrivel que se acha nos ilheos que guarneeem a costa do Perú. — De outros auctores hespanhoes igualmente antigos se poderiam extrahir iguaes citações, que o grave historiador inglez, Robertson, inseriu na sua *Historia da America*.

Viagem aos mares arcticos. — Um dos navios anglo-americanos, o *Advance*, expedidos no anno passado em demanda de Sir John Franklin recolheu em 3 de outubro passado a Nova-York. Não trouxe noticias do capitão inglez, porém não desvaneceu totalmente as esperanças; por outro lado a relação de sua viagem é interessante.

A expedição americana, composta do *Advance* é do *Rescue*, entrou no estreito de Wellington a 26 de agosto de 1850, onde encontrou os dois navios inglezes *Lady Franklin* e *Sophia* sob as ordens do capitão Perry, e um tanto mais tarde os que eram commandados por Sir John Ross e o commodoro Austin empregados todos na mesma exploração.

No dia 27 o capitão Perry tinha descoberto signaes do logar onde Franklin fôra invernar a primeira vez; eram tres tumulos com inscripções em simples pranchas de madeira com a data de abril de 1846; encerravam dois marinheiros do *Erebus* e um do *Terror*: acharam-se, alem disso, pedaços de velas, e de enxarcia, vestuario, etc.; em summa todas as provas de que se fizera alli abarracamento por muito tempo, mas nenhum indicio de caminho por onde se podessem dirigir as pesquizas.

A 8 de setembro a expedição penetrou por entre os gelos até á garganta do porto de Barlow onde correu risco de ficar bloqueada; com tudo conseguin sahir e a 11 do mesmo mez chegava á ilha de Griffith, ponto mais occidental que visitou. Dahi a dois dias fez-se á vela de volta aos Estados Unidos; porém, detiveram-na os gelos á entrada do golpho Wellington.

Começou então uma serie de aventuras e perigos taes como poucos navios tem corrido. Os gelos os em-

purravam primeiramente para 75°25′ de latitude septentrional, depois fizeram-nos voltar ao sudoeste para o estreito de Lancaster. O *Advance* achava-se de certo modo incrustado n'um leito de gelo que lhe levantára a pôpa quasi sete pés; e perto de cinco mezes permaneceu na mesma posição.

Não tardou que a noite polar involvesse as duas embarcações, ficando por espaço de 80 dias privadas da luz do sol. O thermometro de Fahrenheit marcava 40° abaixo de zero, e mais de uma vez desceu a 46°.

Em a noite de 5 de novembro a tripulação do *Rescue* largou esse vaso a fim de poupar combustivel e veio juntar-se á do *Advance* para arrostar em commum com os incessantes riscos a que se viam sujeitos.

Receavam a todos os momentos que a pressão dos gelos estourassem os navios, e haviam tomado todas as precauções para se salvarem por cima da neve. Pozeram-se os mantimentos nos trenós (carretas para andarem sobre os gelos); a gente dormia vestida e de fardel ás costas; por duas vezes, a 8 de dezembro e 23 de janeiro, julgaram a catastrophe tão proxima que estiveram quasi a pôr-se em marcha.

Durante o seu estacionamento em meio dos gelos, manifestou-se o escorbuto e logo com caracter grave; os mais activos cuidados, o uso constante de agua fresca, e uma bebida composta de infusão de maçãs e de çumo de limão obstaram em breve ao progresso do mal.

Aos 13 de janeiro pararam as montanhas fluctuantes do gelo, e a expedição achou-se encarcerada na bahia de Baffin, a perto de 90 milhas da terra. As equipagens construiram sobre a neve algumas cabanas e formaram uma especie de acampamento como sobre a terra firme. A espessura do gelo variava de quatro a doze palmos.

No dia 18 de fevereiro tornou a mostrar-se o sol e foi saudado com tres acclamações dos marinheiros; não tardou que a influencia do astro benefico produzisse seus effeitos salutares. Só a 13 de maio a tripulação do *Rescue* tomou posse do seu navio. A ruptura dos gelos foi subitanea e temerosa. Sentiu-se um estouro naquella vasta superficie; e dahi a vinte minutos tudo eram montões enormes de caramello em movimento; e as duas embarcações foram de novo empurradas para o sul. Escaparam felizmente aos perigos que sem cessar as ameaçavam, e a dez de junho navegavam já desembaraçadas em agua solta, pelos 65°30′ de latitude septentrional. Permaneceram encerrados pelos gelos nove mezes, e tinham descahido de sua verdadeira derrota muitos centos de milhas.

O primeiro cuidado do commandante foi conduzir a expedição á costa de Groenlandia afim de tomar alguns refrescos e provisões; feito o que tomou outra vez o rumo do norte. A 7 de julho fallou a alguns baleeiros, e no dia seguinte passou ao largo de uma esquadrilha delles que estavam presos pelo gelo. A 11 desse mez estava de novo na bahia de Baffin, e vogava por entre serras geladas. Ahi encontrou o *Prince-Albert* com o qual navegou de conserva até 3 de agosto. O navio inglez resolveu então tentar a passagem pelo sul; e o commandante americano persistiu no projecto de andar para o norte. Tambem ahi achou a expedição grandissimos obstaculos e riscos. Os gelos fluctuantes embatiam e esmigalhavam-se nos costados dos navios, e vinham cahir os fragmentos em cima do convez. Por extraordinaria felicidade não soffreram as embarcações avarias grossas, e a 19 de agosto estavam livres no mar alto.

Era tarde para se obstinarem a penetrar em mares fechados por muralhas de gelo; e o commandante resolveu-se a voltar aos Estados Unidos. Um temporal violento, que o colheu na altura do banco da Terra Nova, separou os dois navios. O *Avance*, (dianteiro ou progresso) fiel ao seu nome, chegou primeiro; e julgava-se que em breve appareceria o *Rescue*.

Esta expedição, dictada por um sentimento de verdadeira philantropia, foi dirigida com intelligencia e intrepidez superiores a todos os elogios; se não teve mais completo exito o esforço e diligencia dos que a emprehenderam, não deixa, por isso, de ser credora de subida estima sua generosidade, tendo-se arriscado tantas vezes por bem da salvação de um navegante estrangeiro e por amor da sciencia.

BIBLIOGRAPHIA.

ROMANCEIRO PORTUGUEZ. — Acabam de ser publicados os tomos II e III do *Romanceiro Portuguez* do Sr. Almeida Garrett. A execução typographica é das mais perfeitas e elegantes; a curiosidade da obra, e o seu valor litterario, é inutil recommendal-os, sahindo da penna do cantor de *Adozinda*.

Neste livro popular e agradavel, sem tedio nem affectação scientifica estudam-se guiando-se pela melhor escolha as origens da poesia primitiva em toda a graça e riqueza da sua inspiração. Em tão laboriosa collecção o que sobre tudo attrahe é a verdade moral do trabalho. Depois do primeiro volume, que é a introducção natural de toda a obra, estes dois, e o ultimo, tornam-se indispensaveis.

O primeiro volume é a traducção moderna do texto de muitos romances, cujo original locupletado de varios outros ineditos até hoje, o auctor agora apresenta como prova da exactidão das suas observações. Noticias abundantes e curiosas, servem de prologo ás differentes peças poeticas; e augmentam-lhe o agrado. O Sr. Almeida Garrett, enriquecendo assim a litteratura patria, deve ter a satisfação de que offerece ao publico um livro, cujo exito é seguro, e escusa dos pomposos cartazes que mal podem defender tantos escriptos marcados da merecida obscuridade, que os condemna.

Desde já nos obrigamos a formar um juizo mais extenso desta collecção, que pela sua importancia, convida a attenção da critica.

Publicou-se o artigo FEBRE AMARELLA, de Cyclopedia Britannica, traduzido do inglez, por *João Felix Pereira*.

Vende-se na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.° 8, por 240 rs.